

-IASMIM ALMEIDA LAMOUNIER

**LIVRO-REPORTAGEM: “FLORESCER
ALÉM DO ROSA: VIVÊNCIAS DE
MULHERES COM CÂNCER DE MAMA”**

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV
2023

IASMIM ALMEIDA LAMOUNIER

**LIVRO-REPORTAGEM: “FLORESCER
ALÉM DO ROSA: VIVÊNCIAS DE
MULHERES COM CÂNCER DE MAMA”**

Memorial referente ao Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Mariana Lopes Bretas

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV
2023

Projeto Experimental intitulado FLORESCER ALÉM DO ROSA: VIVÊNCIAS DE MULHERES COM CÂNCER DE MAMA, de autoria do/da estudante Iasmim Almeida Lamounier, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes membros:

Mariana Lopes Bretas

Professora Doutora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV

Mariana Ramalho Procópio Xavier

Professora Doutora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV

Henrique Moreira Mazetti

Professor Doutor do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV

05 / 12 / 2023
Data da Defesa

AGRADECIMENTOS

Como tudo na vida, mais uma etapa ou até mesmo um ciclo está se encerrando, após muita luta e dedicação tanto individual quanto coletiva para que todo esse sonho pudesse se tornar realidade. Ao sair de Ipatinga em Minas Gerais, grandes apoiadores ficaram de longe em torcida por mim e em Viçosa conheci grandes pessoas que me fizeram não desistir dos meus objetivos, então deixo aqui meus sinceros agradecimentos a todos os que fizeram parte dessa trajetória universitária, continuo afirmando que ela não é apenas minha mas de todos que estão ao meu lado.

Aos meus pais, Ricardo e Shirlei, por embarcarem no sonho de uma menina que sairia do seu ninho para buscar melhores oportunidades a 250 quilômetros de distância, além disso, sou extremamente grata por este casal sempre acreditar em meu potencial pessoal, acadêmico e profissional e serem meus maiores exemplos de garra e determinação. Agradeço também por todo incentivo e por terem abdicado de tantas experiências para que eu pudesse ter o melhor. A minha avó, Maria Madalena que é o maior exemplo feminino que possuo em minha vida, mulher de um grande exemplo de pessoa dedicada, íntegra e amorosa, que ao lado dos meus pais se dedicou a uma grande família. A vocês minha eterna gratidão e todo o meu amor.

Ao Igor, meu irmão e melhor amigo, que está sempre comigo em todas as horas, sendo elas as mais divertidas mas também os momentos mais sensíveis da minha vida, além de sempre destacar que é o meu maior fã e se orgulha da mulher que eu me tornei.

À toda a minha família, tios e primos que são grandes apoiadores e um porto seguro para que eu nunca desistisse dos meus objetivos, sendo a primeira da família a entrar em uma Universidade Federal, além dessas pessoas importantes, destaco o meu sobrinho querido, Nicolas, que me tira as maiores risadas. O apoio de cada um de vocês foi essencial durante essa longa caminhada após a pandemia que fez nossa família se unir cada vez mais.

Aos amigos de Viçosa, em especial as minhas meninas Leticia Passos, Maria Fernanda, Maria Luisa Maia, Isadora Luíza, Gabriela Möller, Bianca Martins e as irmãs Karen e Carol Canazart que formaram uma rede de apoio para mim nos últimos tempos. Aos meus garotos Lucas Moreira, Icaro Rafael, Davi Pinho, Vinicius Sampaio, Caio Caliel e Pedro Emanuel que formam juntos minha torcida organizada e ótimos companheiros de matérias e na vida. Além desses, existem vários e várias outras pessoas muito especiais que

sempre estiveram presentes, que me deram carinho e conforto, foram o ombro para chorar nas horas difíceis. Mas, principalmente, foram companheiros nas muitas horas de diversão e alegria, nunca será esquecido todos os nossos momentos em festas, comemorações ou até mesmo uma cerveja na Avenida Santa Rita.

Aos amigos que fizeram parte da Coordenação e Comissão de Formatura junto a mim, vocês são importantes nessa jornada de um sonho e realização coletiva, acredito que nossa união foi primordial para que ninguém desistisse ou se sentisse tão frágil que não enxergasse o potencial que existia em cada um de nós.

Aos professores do Departamento de Comunicação Social - Jornalismo, que se dedicam todos os dias a oferecerem o melhor aos alunos do curso, partilhando suas experiências e conteúdos tão importantes para nossa aprendizagem. Além dos professores, agradeço aos técnicos-administrativos que sempre me receberam com muito carinho e dedicam seus esforços para que o curso fosse algo mais leve para mim e para os outros alunos, cada um a sua maneira. Em especial, agradeço minha orientadora, professora Mariana Lopes Bretas, que se tornou uma grande inspiração para mim como mulher e grande amiga de horas de trocas inesquecíveis enriquecendo todo meus conhecimentos, me apoiando e incentivando durante o nosso trabalho de orientação, sem você nada disso seria possível por isso, acredito que o livro-reportagem não é apenas meu mas nosso.

Por fim, agradeço e dedico todos os meus esforços para todas as mulheres que participaram deste livro-reportagem ativamente como fontes mas também outras que conheci durante o processo criativo deste projeto que espero que faça a diferença em tudo que entendemos sobre o câncer de mama. Torço para que todas nós nos tornemos fortes redes de apoio umas para as outras.

“O estigma é o que mais entristece as mulheres, mas o cabelo volta mais forte e farto. Elas renasceram mais bonitos.”

- Arlete Salles –

RESUMO

Este trabalho abordará, de forma clara e aprofundada, sobre o enfrentamento do câncer de mama por mulheres que se propõem a expor suas dores e dilemas sofridos em razão da doença e como o restabelecimento em meio a um desafio tão sofrido as tornaram fortes e detentoras de uma identidade permeada de dificuldades, suas experiências e batalhas, principalmente emocionais. Para tanto, este trabalho objetivou demonstrar de uma maneira leve e sutil, a conexão de histórias entre várias mulheres que vivenciaram o sofrimento do câncer e o que está além da doença. É de interesse desta pesquisa a rodar assuntos pertinentes sobre o corpo, estética e representação cultural. Cada relato exposto, através da pesquisa de campo feita por meio de entrevistas, demonstrou a força que cada uma carrega em si e que, de certa forma, encoraja e empodera as demais que passaram ou passam pelas mesmas dores, pelas mesmas inseguranças e por tudo aquilo que está além do rosa.

Palavras-chave: câncer de mama, mulheres, vivência.

ABSTRACT

This paper will take a clear and in-depth look at how women who have faced breast cancer have exposed the pain and dilemmas they have suffered as a result of the disease, and how recovering from such a painful challenge has made them strong and holders of an identity permeated with difficulties, experiences and battles, especially emotional ones. To this end, this work aims to show, in a light and subtle way, the connection between the stories of several women who have experienced the suffering of cancer and what lies beyond the disease. It is in the interest of this research to address pertinent issues about the body, aesthetics and cultural representation. Each of the stories presented, through field research carried out by means of interviews, demonstrated the focus that each woman carries within herself and which, in a way, encourages and empowers others who have gone through or are going through the same pain, the same insecurities and everything that lies beyond the pink.

Keywords: breast cancer, women, experience.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	4
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – APONTAMENTOS SOBRE CORPO, ESTÉTICA E REPRESENTAÇÃO CULTURAL.....	11
CAPÍTULO 2 – INTERFACES E RELAÇÕES ENTRE A MUDIATIZAÇÃO FEMININA DO CÂNCER DE MAMA E A COMUNICAÇÃO.....	18
CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO TÉCNICO.....	22
3.1 – Pré-produção.....	22
3.2 – Produção.....	24
3.3 – Pós-produção.....	25
3.4 – Cronograma e Orçamento.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata de aspectos que envolvem a representação das mamas na sociedade, sendo assim, se faz necessário o entendimento de conceitos como feminilidade, maternidade, fertilidade e sexualidade que estão sendo representados pela figura dos seios femininos.

O livro-reportagem tema deste projeto experimental busca abordar a importância da autoestima feminina durante o tratamento de câncer de mama, além de analisar a comunicação como mecanismo de prevenção da doença.

Devemos entender o conceito de padrão de beleza, que nada mais é que o conjunto de traços e características físicas que são colocados como ideal dentro da sociedade, essas características são usadas para classificar os indivíduos entre feios e bonitos, é importante ressaltar que essas classificações variam de acordo com a sociedade, região e classe social.

Os padrões de beleza estão muito ligados à dominação midiática, a uma ideia todavia colonialista, ainda que seja um padrão branco, mesmo com tantos movimentos de heterogeneidade, de quebra de barreiras, ainda sim é um padrão predominantemente midiático, que recai no lugar de pertencimento do sujeito em relação ao seu aspecto corporal.

O padrão midiático imposto hoje, quando não seguido, recai sobre a não aceitação, ao feio, ao diferente, levando o indivíduo para um processo de auto depreciação, uma vez que não se enquadra no que é imposto pela mídia.

A relação entre a indústria da moda e seus consumidores é cada dia mais marcada pelo contraste de idealizações corporais. Uma parte importante dessa midiaticização do corpo apostou em trabalhar com o estereótipo estético cristalizado de corpos e traços europeus.

Assim, uma das primeiras pistas, e também uma das mais latentes nas questões de influências estéticas mundiais é a da padronização europeia como modelo de beleza e referência mercadológica na difusão de produtos publicitários (SASAKI, 2010, p. 19).

Para mergulharmos mais profundamente no arcabouço histórico que construiu o ideal de beleza valorizado atualmente, é necessário entender os diferentes significados e imaginários sociodiscursivos que o forjaram.

O corpo em si, e exposto em uma imagem, só torna-se erotizado quando, preenchido de concepções sociais, quem o vê ou o imagina também é capaz de reconhecer tais códigos. Historicamente, este corpo é um espaço de constantes transformações de valores e tabus, manipulado pelas culturas, pelas artes, embora fisicamente, ainda seja o mesmo. Homens e mulheres em suas anatomias definindo cada qual seu sexo biológico, mas não o gênero social. Assim, o corpo transformado em imagem torna-se espaço, lugar, cenário e também essência no contexto (SASAKI, 2010, p. 21)

O nosso cérebro é programado para ver beleza em coisas simétricas, na proporção áurea e Fibonacci. Nos primórdios os seres humanos já caminhavam para uma busca ao padrão mais simétrico possível tendo em vista que suas armas tinham a ponta da lança eram dessa maneira na intenção de ter mais beleza em seu instrumento. O físico Marcelo Gleiser lançou o livro “Criação Imperfeita” que salienta não ser um manifesto contra a simetria, mas que a simetria não pode ser “exagerada e entronizada como um dogma”, em suas palavras: “A simetria é bela mas, discordando do poeta John Keats, a beleza não é sinônimo de verdade. Ademais, sr. Keats, a verdade também não é necessariamente bela.” Os padrões de beleza e estética mudam com as prioridades sociais. O corpo desempenha os valores e a cultura de cada sociedade, entendemos que ele assumiu inúmeros papéis ao longo da história. Segundo Foucault, o corpo é um objeto controlado socialmente, reprimido por regras de conduta, relativizando assim a busca incansável pelo corpo perfeito.

De imediato, as indústrias da dieta e dos cosméticos passaram a ser os novos censores culturais do espaço intelectual das mulheres. Em consequência das suas pressões, o modelo jovem e esquelética tomou o lugar da feliz dona-de-casa como parâmetro da feminilidade bem-sucedida. A revolução sexual propiciou a descoberta da sexualidade. A • 'pornografia da beleza" — que pela primeira vez na história da mulher liga uma beleza produzida de forma indireta e explícita à sexualidade — está em toda parte, minando o sentido recém-adquirido e vulnerável do amor próprio sexual. Os direitos do controle da reprodução deram à mulher ocidental o domínio sobre seu próprio corpo. (WOLF, 1992, p.13)

A partir do autor estudado sobre o gênero de livro-reportagem, Lima (2004), identificou-se muitos tipos de livros-reportagem, de acordo com os objetivos propostos, pela

natureza dos objetos retratados e pela maneira como a narrativa é construída. Esta obra apresenta um projeto experimental que tende a unir perfil, depoimento, retrato e também história, utilizando de relatos e recursos ilustrativos para melhor caracterizar o assunto proposto e melhor abordar a temática escolhida.

Este trabalho objetiva apresentar e discutir as questões ligadas ao corpo de forma que se compreenda como o mesmo é visto e abordado, como o artístico e o cultural o influi enquanto representante social e como a imagem que a sociedade impõe que a mulher siga e se padronize influencia diretamente em sua qualidade de vida e aspectos emocionais. Trata-se de uma abordagem que busca apresentar a relação do corpo com a forma de viver no mundo.

CAPÍTULO 1 – APONTAMENTOS SOBRE CORPO, ESTÉTICA E REPRESENTAÇÃO CULTURAL

A Teoria da Representação Social, proposta por Moscovici, explora como ideias, crenças e conceitos são formados e compartilhados socialmente. No contexto da saúde e da estética, essa teoria pode ser aplicada à experiência de uma mulher diagnosticada com câncer.

Quando uma mulher recebe o diagnóstico de câncer, sua vida é radicalmente transformada. Esse evento desafia não apenas sua saúde física, mas também afeta profundamente suas percepções sociais sobre feminilidade e padrões de beleza. A sociedade frequentemente impõe conceitos rígidos e ideais estereotipados de feminilidade, associando-a à aparência física e à conformidade com determinados padrões estéticos.

A mulher enfrenta não apenas a batalha contra a doença, mas também confronta os estigmas sociais e as expectativas preconcebidas sobre a aparência e o papel da mulher na sociedade. O impacto do câncer pode desafiar diretamente essas representações sociais pré-existentes, levando a questionamentos sobre identidade, feminilidade e beleza.

Assim, a Teoria da Representação Social de Moscovici oferece uma lente para entender como a experiência do câncer vai além do aspecto físico, influenciando e sendo influenciada pelas percepções e construções sociais sobre o corpo, a feminilidade e os padrões estéticos impostos pela sociedade.

A percepção do indivíduo sobre sua imagem corporal constitui elemento fundamental para a compreensão das representações subjetivas do corpo. O estudo da imagem corporal

constitui importante foco de interesse por parte de diversos estudiosos (Davison & McCabe, 2006; Galindo & Carvalho, 2007; Schilder, 1999; Tavares, 2003).

Sendo assim, a representatividade que o corpo carrega frente ao aspecto social que o mesmo institui, faz com que o sujeito se veja, se memorize e se permeie de ideias a respeito de si sob a ótica do outro.

A imagem corporal, conforme Davison e McCabe (2006) destacaram, é a representação mental que os indivíduos mantêm sobre o tamanho e a forma do corpo. Essa percepção é moldada por uma interação complexa entre fatores históricos, culturais, sociais, individuais e biológicos. Este conceito não apenas reflete a visão interna que as pessoas têm de si mesmas, mas também é influenciado pelas normas sociais, expectativas culturais e experiências pessoais, desempenhando um papel significativo na autoestima e na saúde mental das pessoas.

O conceito de corpo pode abranger diversos aspectos, desde o físico até o imaginário, sob perspectivas e abordagens igualmente distintas (Andrieu, 2006; Contarello & Fortunati, 2006; Novaes & Vilhena, 2003).

Para Andrieu (2006), o corpo é o desdobramento de um programa genético e evolui com base em sua flexibilidade biocultural, sendo também moldado por construções simbólicas que englobam percepções tanto individuais quanto coletivas, resultando numa interação complexa entre fatores biológicos e culturais na sua formação e desenvolvimento.

De acordo com Abric (2003), as representações têm um papel importante na dinâmica das relações e nas práticas sociais e apresentam quatro funções essenciais: função de saber, a qual permite que atores sociais adquiram conhecimentos e os integrem a um quadro assimilável e compreensível, coerentes com o funcionamento cognitivo e com os valores aos quais eles aderem; função identitária, que serve para manter uma imagem positiva do grupo no qual o sujeito está inserido; função de orientação, que serve como uma espécie de diretriz para ação; e a função justificadora, que permite, posteriormente, que o indivíduo justifique as tomadas de posição e os comportamentos.

Segundo Abric (2003), a hipótese do núcleo central, a partir da qual considera que a representação social apresenta a característica específica de se organizar em torno de um núcleo, constituindo-se em um ou mais elementos, que dão significado à mesma. De um lado, o núcleo central é determinado pela natureza do objeto representado; de outro, pelo tipo de

relação que o grupo mantém com esse objeto, considerando também valores e normas sociais implícitas ao ambiente ideológico do momento do grupo.

O coletivo, aqui, influi diretamente na percepção do corpo pelo indivíduo, sendo uma válvula propulsora do modo de sentir e se relacionar, no comportamento e também na perspectiva da relação da pessoa com seu próprio corpo. Desta forma, o corpo visto por sua imagem externa pode defini-lo como mediador de lugar social o qual se insere o indivíduo ao qual pertence. Este lugar estabelece relações sociais e a autodenominação do conhecimento sobre si mesmo.

Segundo Diener, Wolsic, & Fujita, 2002; Maner et al., (2003), existem variações no conceito de estética que são utilizadas para designar desde algo real ou imaginário, objetivo ou subjetivo, material ou abstrato, animado ou inanimado até a mera percepção ou sensação.

A partir de estudos de Teixeira (2001), falar de beleza pressupõe considerar algo real, que desperta sentimentos intensos e inspira ações de contemplação reverencial, resultantes de elementos que extrapolam as percepções dos cinco sentidos humanos. A estética abrange não apenas o visto externamente, mas os aspectos, principalmente, da saúde do indivíduo em detrimento do que deseja mostrar ao mundo.

A sociedade contemporânea impõe um ideal de corpo que muitas vezes contrasta com a saúde e a realidade. A "ditadura da magreza" propagada pela mídia intensifica a obsessão pela estética, colocando em jogo o equilíbrio entre a busca pelo corpo "ideal" e a manutenção da saúde. Essas contradições alimentam um conflito interno entre alcançar padrões estéticos e priorizar a saúde.

No entanto, esse foco na perfeição física é desafiado quando alguém enfrenta o diagnóstico de câncer. Nesse momento, a vida e as prioridades se transformam drasticamente. A batalha contra a doença não só abala a saúde física, mas também questiona a própria essência da feminilidade e da beleza, desafiando as normas sociais e as percepções estereotipadas.

As mulheres que encaram o câncer encontram-se diante de uma nova definição de beleza. A vaidade não se limita mais à aparência física, mas se estende à coragem, à resiliência e à capacidade de se expressar de maneiras diversas. A busca pela estética cede lugar à necessidade de enfrentar desafios mais profundos, sendo fundamental contar com uma rede de apoio para proteger e acolher diante dos olhares e julgamentos cruéis da sociedade.

Nesse contexto, a batalha contra o câncer redefine os conceitos de beleza e estética, transcende a superficialidade dos padrões impostos e revela a verdadeira essência da força, da autenticidade e da beleza interior.

Segundo Andrieu (2006), a beleza é vista como uma qualidade atribuída a um corpo por um indivíduo ou por uma determinada sociedade. Entretanto, ressalta que o exame do binômio beleza-feiura é um aspecto preocupante no tema, podendo conduzir a um impasse, justificando que a percepção do belo ou do feio esteja condicionada a uma questão de gosto, a partir de escolhas subjetivas em relação ao que é visto.

De acordo com Camargo et al. (2006), observam-se discussões sobre o corpo que abrangem predominantemente aspectos da saúde, da forma e da alimentação. Entretanto, considera-se a existência de contradições presentes em diversos discursos: orientações médicas, informações contidas em publicidades de alimentos, mensagens midiáticas sobre estética corporal ou opiniões contidas em clichês interiorizados e pertencentes ao senso comum.

A este exemplo, soma-se diversas formas da supervalorização da estética que precisa ser externalizadas ao meio social e que torna o indivíduo escravo de um referencial que está sempre em movimento e, portanto, sempre fazendo com que o sujeito se enquadre a ele, tornando-o sempre inconstante e pouco suficiente.

A questão do desnudo feminino e sua sexualização é diferente na visão global. Em culturas da África e do Pacífico Sul, por exemplo, os seios femininos andam descobertos desde os primórdios e os povos destas localidades não cultivam o aspecto erótico como os das culturas ocidentais (YALOM, 1997, p.13). As culturas ocidentais, em especial a cultura brasileira que é o foco deste estudo, a representação dos seios é vista como algo sexual. Desta forma, é possível enxergarmos essa hipersexualização em campanhas publicitárias que visam explorar um padrão de corpos perfeitos, explicitando os seios femininos. Além disso, o nu frontal feminino é supervalorizado, pois reforçam as questões de satisfação dos prazeres masculinos, reforçando assim questões identitárias e de necessidade do corpo perfeito.

Na década de 1840, foram tiradas as primeiras fotografias de prostitutas nuas. Anúncios com imagens de 'belas' mulheres apareceram pela primeira vez em meados do século. Reproduções de

obras de arte clássicas, cartões-postais com beldades de sociedade e amantes dos reis, gravuras de Currier e Ives e bibelôs de porcelana invadiram a esfera isolada à qual estavam confinadas as mulheres da classe média (WOLF, 1992, p.18)

Existem vários artigos responsáveis por analisar como as campanhas influenciam o cotidiano de mulheres e como elas são representadas nessa forma de comunicação, a proposta de intervenção é expressada pela necessidade de interpretação de maneira menos sentimental das mulheres em relação a empresas que estão interessadas em apenas vender seus produtos e não em fortalecer o conceito de beleza natural do seu público feminino. As mulheres pós-modernas podem sim ter o desejo de serem aceitas em contextos que não eram aceitas devido ao padrão de beleza estabelecido, porém é um cuidado que se deve ter com uma empresa que usa de um discurso com o intuito de vender mais produtos.

A percepção dos seios na cultura ocidental passa por mudanças, conforme aponta o estudo de Gilza Sandre Pereira, *Amamentação e Sexualidade*.

[...] o significado do olhar lançado sobre a nudez mudou muito ao longo dos séculos no Ocidente, e foi apenas no final da Idade Média que a nudez feminina e a visão do nu passaram a ser identificadas com o desejo e a ter a conotação erótica que conhecemos hoje (PEREIRA, 2003).

As preocupações das mulheres em corrigir ou minimizar as imperfeições corporais são parte fundamental dessa sociedade que estipula um padrão de beleza como valor imprescindível. Ou se está neste padrão, ou se está relegada à condição de alijada do desejo. “No decorrer do século XX a mulher se despiu. O nu na mídia, na televisão, nas revistas e nas praias, incentivou o corpo a desvelar-se em público, banalizando-se sexualmente”. (DEL PRIORE, 2001, p.99).

A publicidade lida com a beleza mercantil, ou seja, com a beleza direcionada à promoção de marcas e ao faturamento das indústrias. Explora imagens que povoam a imaginação da sociedade, e que podem não ser verossímeis, mas, talvez, sejam parte da fantasia convencional dos indivíduos. A publicidade se tornou a cultura da sociedade de consumo. Ela propaga, através de imagens, a crença dessa sociedade nela mesma (BERGER, 2001).

Segundo Cristina Costa (2002) aponta que, nas relações sociais, as pessoas se moldam no confronto das imagens refletidas umas pelas outras, assemelhando-se ou divergindo, reconhecendo-se ou discordando. Esse embate revela não apenas identidades e diferenças, mas também a multiplicidade de perspectivas e a complexidade das relações humanas, onde coexistem adaptações e confrontos, diversidades e desigualdades.

Do ponto de vista artístico, os corpos diferentes, mutilados, cicatrizados, fora dos padrões encontram lugar e sua expressividade na arte, uma vez que é o lugar onde estes corpos se encontram. Por esse motivo, a arte é tão negligenciada e atacada, pois é onde esses corpos se enquadram, encontram identidade, expressividade e podem ser como são. Uma vez que a arte expressa a identidade de corpos reais, esta passa a ser vista como alvo de depressão e ataque por mostrar o corpo como ele realmente é.

Além do ponto de vista artístico, como estamos falando dos seios e mamas precisamos de fato trazer uma parte do livro para esse memorial, a partir de muita pesquisa entendemos toda a questão historiográfica da mama que durante este trabalho aparecem outros apontamentos também. Ao longo dos séculos, os seios femininos ocuparam um lugar singular nas representações e nas interpretações humanas. São testemunhas silenciosas de uma história repleta de nuances e transformam, refletindo as visões e os valores de diferentes sociedades e culturas. Desde a Grécia Antiga, quando eram reverenciados como símbolos sagrados de fertilidade e maternidade, até os dias atuais, quando confrontados com desafios impostos por normas estéticas irreais e objetificando, os seios femininos são muito mais do que meros atributos físicos. São emblemas de poder, submissão, desejo e autodeterminação.

Na exuberância da Grécia Antiga, os seios femininos dançavam em liberdade, apesar de qualquer conotação negativa. Eram celebrados como manifestações da vida e da feminilidade, e sua nudez era amplamente aceita nas artes, representada com orgulho e reverência. Contudo, as eras que se seguiram trouxeram consigo mudanças de paradigma e distintas.

Na Idade Média, a nudez dos seios tornou-se um pecado a ser ocultado, uma tentativa que desviou os homens do caminho da virtude. A moralidade severa da época restringiu a exposição do corpo feminino, envolvendo-o em véus de pudor e castidade. Era uma época de paradoxos, em que a dualidade da natureza humana era encarnada por cada mamilo escondido.

A Renascença trouxe um renascimento também para os seios femininos, mas sob uma ótica idealizada e abstrata. As formas voluptuosas, esculpidas nas obras de arte e celebradas na poesia, adquirem uma aura mística e inalcançável. Através do pincel dos mestres, os seios se tornaram simbólicos de perfeição e relacionados, um vislumbre do divino na Terra.

Com o início dos espartilhos e corpetes no século XVIII, os seios femininos foram modelados e esculpidos, tornando-se a essência da sedução. Eles emergiram dos decotes provocantes, acentuados pelo aperto voluptuoso dos tecidos, decorados em objetos de desejo e símbolos de feminilidade. Essa objetificação dos seios gerou uma dualidade perigosa: ao mesmo tempo que despertavam paixões ardentes, aprisionavam as mulheres em estereótipos limitantes.

Com o avanço da fotografia e do cinema no século XIX, os seios femininos passaram a habitar o imaginário popular de forma ainda mais intensa. No entanto, muitas vezes, suas representações eram reduzidas a imagens estereotipadas e sexualizadas, perpetuando ideais inalcançáveis de beleza e gerando confusão naqueles que não se viam representados por esses padrões.

No século XX, a revolução sexual e a luta pelos direitos das mulheres trouxeram consigo uma mudança significativa na forma como os seios foram compreendidos. Eles deixaram de ser vistos apenas como objetos de desejo e passaram a ser tratados como parte natural e saudável do corpo feminino. A censura à sua exposição foi gradualmente questionada e desafiada, permitindo que as mulheres reivindicem sua autonomia e a diversidade do corpo feminino.

Atualmente, entretanto, mesmo com os avanços conquistados, a cultura popular e os meios de comunicação continuaram a influência intensa sobre as representações dos seios femininos. Muitas vezes, essas representações são marcadas pela objetificação e pela direção, emoção a complexidade e profundidade desses símbolos de feminilidade.

Contudo, no horizonte de mudanças, surgem movimentos feministas e vozes críticas, que se empenham em desnaturalizar e descolonizar essas representações. Essas vozes questionam as normas estéticas e sexuais impostas às mulheres, lutando pela valorização da autonomia e da diversidade do corpo feminino. Elas clamam por uma quebra de padrões estereotipados e irrealistas, reconhecendo a beleza em sua forma mais ampla e autônoma.

É fundamental lembrar que o corpo feminino é único e diverso. Cada mulher é uma obra de arte singular, com curvas, formas e características que a tornam única no mundo. Todas as mulheres merecem ser valorizadas e respeitadas, independentemente de sua aparência física, tamanho dos seios ou qualquer outro atributo. É a alma, a força interior e a capacidade de expressão que realmente definem uma mulher, e não os padrões suportados pela sociedade.

Nessa jornada de auto aceitação, é importante celebrar os seios femininos como emblemas de poder e autodeterminação. São símbolos de vida, alimentação e nutrição, capazes de criar laços profundos entre mães e filhos. São também fonte de prazer e sensualidade, quando compartilhados de forma consensual e livre de objetificação.

Enquanto a história continua a se desenrolar, é essencial que cada indivíduo reconheça e respeite a individualidade e a beleza intrínseca de cada mulher. É necessário romper com os estereótipos impostos, desconstruir preconceitos e enfrentar a diversidade, abraçando a multiplicidade de formas, tamanhos e experiências que compõem a essência feminina.

Assim, ao contemplar os seios femininos, que sejamos capazes de enxergar além do físico, adentrando a profundidade do ser. Que podemos reconhecer a jornada de empoderamento e auto descoberta de cada mulher, e juntos, construirmos uma sociedade mais inclusiva, na qual todas se sintam valorizadas e amadas, exatamente como são.

CAPÍTULO 2 – INTERFACES E RELAÇÕES ENTRE A MUDIATIZAÇÃO FEMININA DO CÂNCER DE MAMA E A COMUNICAÇÃO

De acordo com o INCA (Instituto Nacional de Câncer), o câncer de mama é o tipo de câncer que mais acomete as mulheres em todo o mundo. “O câncer é o nome dado a um conjunto de mais de 100 doenças que têm em comum o crescimento desordenado (maligno) de células que invadem os tecidos e órgãos, podendo espalhar-se (metástase) para outras regiões do corpo”. O câncer de mama acomete uma ou as duas mamas e, por vezes, as axilas, manifestando-se no início como um nódulo. Esse tipo de câncer é mais comum em mulheres acima de 35 anos e, embora possua um bom prognóstico quando identificado no início, é considerado um problema de saúde pública (INCA, 2014).

Conforme Mukherjee (2012) destaca, o ato de nomear uma doença vai além da mera

descrição de uma condição de sofrimento. Antes de se tornar o foco de exames médicos, o paciente é, primeiramente, um contador de histórias, um narrador de suas angústias e dores. O ato de atribuir um nome à doença inaugura um lugar desconfortável: o de paciente diagnosticado com câncer de mama.

Esse diagnóstico não apenas altera a jornada de vida da mulher, mas também redefine sua identidade e seu relacionamento com a própria saúde. Ele marca o início de uma batalha física, emocional e psicológica, repleta de incertezas, desafios e transformações profundas. O rótulo de "paciente oncológico" traz consigo uma carga emocional e social significativa, afetando não apenas a maneira como a pessoa se percebe, mas também como é percebida pela sociedade. É importante compreender que, para além do nome da doença, existe uma história individual, uma jornada única e complexa que cada mulher enfrenta ao receber esse diagnóstico. O papel da sociedade, dos profissionais de saúde e das iniciativas de conscientização é fundamental para oferecer apoio, informação e compaixão durante essa jornada desafiadora.

De acordo com Barbero (2004), a comunicação deve ser pensada dentro do contexto cultural. A influência central exercida pelas mídias na atualidade não apenas dá origem a novos significados sociais, mas também impulsiona novos usos das mídias por uma variedade de atores sociais. Elas se tornaram um motor essencial para a interação social, servindo como espaços de produção e consumo cultural.

Nesta era contemporânea, testemunhamos a multiplicidade e complexidade dos processos comunicativos. As mídias desempenham um papel fundamental na disseminação de informações sobre questões de saúde, como o câncer de mama. Elas não apenas informam sobre a doença, mas também moldam percepções, influenciam atitudes e desempenham um papel crucial na conscientização e na mobilização social.

Através de campanhas, programas, reportagens e iniciativas, as mídias têm o poder de elevar a conscientização sobre o câncer de mama, desfazendo tabus, promovendo a prevenção e facilitando o acesso a recursos e informações relevantes para pacientes e suas famílias. Essa função vai além do simples compartilhamento de informações; ela molda a forma como a sociedade percebe, entende e responde a questões de saúde tão importantes como essa.

A mudança foi esta: reconhecer que a comunicação estava mediando todos os lados e

as formas da vida cultural e social dos povos. Portanto, o olhar não se invertia no sentido de ir das mediações aos meios, senão da cultura à comunicação. Foi aí que comecei a repensar a noção de comunicação. Então, a noção de comunicação sai do paradigma da engenharia e se liga com as interfaces, com os «nós» das interações, com a comunicação-interação, com a comunicação intermediada. A linguagem é cada vez mais intermediária e, por isso, o estudo tem que ser claramente interdisciplinar. Ou seja, estamos diante de uma epistemologia que coloca em crise o próprio objeto de estudo. Porque acreditávamos que existia uma identidade da comunicação, que se dava nos meios e, hoje, não se dá nos meios. Então, onde ocorre? Na interação que possibilita a interface de todos os sentidos, portanto, é uma “intermedialidade”, um conceito para pensar a hibridação das linguagens e dos meios (LOPES, 2009).

De certa forma, a parte do tratamento do câncer é um momento delicado na vida de uma pessoa, esse tratamento envolve principalmente a quimioterapia e a radioterapia que causa mal estar, náuseas, vômitos, cansaço, palidez, queda de cabelo. A última causa citada, a queda de cabelo também representa uma parte mais difícil de aceitação pois o cabelo representa a autoestima das mulheres, pois o mesmo, carrega o símbolo de toda a feminilidade, sensualidade e beleza da mulher.

Após uma análise da doença, seus tratamentos e efeitos, a fragilização da autoestima da mulher e todo o símbolo de feminilidade presentes, nesse estudo se faz necessário entender como funcionam as campanhas publicitárias e sociais acerca da temática. Por isso, precisamos entender o que é a campanha do "Outubro Rosa" e sua importância. Desde sua introdução no Brasil, no início dos anos 2000, o movimento Outubro Rosa vem ganhando adesão da sociedade e é hoje uma das campanhas mais populares da área da saúde. Pacientes, serviços de saúde, empresas e organizações da sociedade civil vêm se engajando na causa do câncer de mama e protagonizando ações de mobilização social sobre a doença.

O movimento "Outubro Rosa" representa um marco importante na conscientização sobre o câncer de mama, focando não apenas na prevenção e no tratamento, mas também na ressignificação da feminilidade e na elevação da autoestima das mulheres afetadas pela doença. Esta campanha não se restringe apenas a disseminar informações sobre o câncer de mama, mas também busca redefinir os estigmas e desafiar os padrões estereotipados de beleza e identidade feminina.

Ao longo dos anos, o "Outubro Rosa" tornou-se um catalisador para a visibilidade das experiências das mulheres com o câncer de mama. Por meio de iniciativas sociais,

empresas, organizações e serviços de saúde, a campanha promove a conscientização pública e oferece suporte emocional e prático às pacientes.

Além disso, essa mobilização coletiva visa pressionar por melhores políticas de saúde, acesso a tratamentos mais eficazes e aprimorados, bem como a disponibilidade de recursos para a prevenção e detecção precoce da doença. Isso não apenas destaca a importância da educação e da prevenção, mas também amplia a voz das mulheres afetadas, garantindo que suas necessidades sejam ouvidas e atendidas.

O impacto do "Outubro Rosa" vai além do mês de conscientização; é um movimento contínuo que desafia a marginalização, promove a solidariedade e busca transformar a narrativa em torno do câncer de mama, oferecendo esperança, apoio e visibilidade para as mulheres afetadas e suas lutas diárias.

Primeiramente, o assunto é de relevância social e merece destaque tanto para as mulheres como sua luta pela contra a doença e também para o encontro da autoestima feminina; Tudo que envolve essa descoberta de se auto-afirmar enquanto mulher dentro de uma perspectiva estética construída por uma narrativa criada pela mídia sobre o belo. Por fim, acreditamos que esse assunto seja importante para enfatizar personagens de destaque dentro e fora da minha família, como a minha mãe e suas companheiras de tratamento.

O trabalho, tem como seu principal objetivo dar visibilidade para mulheres que sofrem ou sofreram com o câncer de mama e como elas tratam de suas autoestima enquanto mulher em uma sociedade machista cheia de padrões estéticos. Além disso, esse livro busca demonstrar as características da doença e do sistema de tratamento, sem deixar de citar a importância sobre a informação que envolve os vários tipos de câncer (em especial os registros de câncer), em relação à qualidade da informação e da manutenção de séries históricas.

A autoestima tende a envolver, conseqüentemente, o sentimento de sentir-se digna, é sobre a valorização, a aceitação de si mesmo e também o olhar melhor para si. Esta questão de auto valorização está diretamente relacionada com o acreditar em suas potencialidades repercutindo assim, nas situações de crise, como o diagnóstico e tratamento do câncer de mama.

CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO TÉCNICO

A realização do presente trabalho teve início no segundo semestre letivo de 2022, com a escolha do produto que iria ser realizado e também do tema a ser pesquisado. A ideia sempre foi a realização de um livro-reportagem, porém o tema ainda não estava tão concreto mas após um longo diálogo com a técnica administrativa do Departamento de Comunicação Social - DCM, Priscila Rezende Cardoso de Oliveira, me foi sugerido que eu fizesse um trabalho que me inspirasse. Essa temática foi levada para a Orientadora do trabalho Mariana Lopes Bretas que não só comprou a ideia mas também direcionou e trouxe uma melhor angulação para o livro-reportagem. Essa primeira fase aconteceu durante a disciplina COM 390 –Trabalho de Conclusão I.

Nesse projeto e nas reuniões de orientação, trabalhamos pensando em conjunto, a Professora e Orientadora Mariana Lopes Bretas apresentou algumas questões que relacionavam a representação feminina tanto artística e midiática enquanto eu me debruçava em trabalhamos com conceitos de jornalismo literário, jornalismo cultural e as interrelações entre a comunicação, o corpo e a midiaticização do câncer de mama. Com base nessas trocas, pensamos na execução do trabalho prático, que aconteceu durante a disciplina COM 490 – Trabalho de Conclusão II. O desenvolvimento do livro-reportagem foi dividido em pré-produção, produção e pós-produção, como será detalhado a seguir.

3.1 – Pré-produção

A pré-produção deste trabalho consistiu na pesquisa sobre o tema abordado, levantamento bibliográfico a respeito do assunto, a confecção de um roteiro de entrevista para a coleta de informações provenientes de mulheres acometidas pelo câncer e que se propuseram a relatar sobre suas experiências pessoais, bem como a elaboração escrita e organização ilustrativo do material exposto, todos esses passos foram acompanhados de forma carinhosa pela Professora Mariana Lopes Bretas que de fato comprou essa narrativa por entender a importância do tema. Após esse importante momento, iniciou-se um grande estudo de uma forma de abordar possíveis fontes para esse livro-reportagem, pois em minhas mãos existia apenas a história da minha mãe, mas eu sabia que precisava de mais relatos para demonstrar algo mais amplo para quem estivesse lendo esse trabalho. Existiu muito envolvimento de outras professoras do Departamento de Comunicação Social como a

Professora Mariana Ramalho Procópio Xavier que me incentivou em algumas leituras e também da Professora Isaura Mourão Generoso que me indicou uma blogueira importantíssima para esse trabalho, a Nicole Sberse Morás que me divulgou em suas redes sociais e fez com que minha produção rompesse as barreiras do acadêmico, conhecendo novas “oncofriends” termo usado por elas para designar as amigas que participam desse processo oncológico juntas.



Figura 1 - Captura de tela da divulgação feita por Nicole (@deumpeitoaberto)

Após essa divulgação feita pela Nicole Morás, conseguimos entrar em contato e conversar com outras “oncofriends” e também produtoras de conteúdo que se disponibilizaram desde o primeiro momento a conversarem. Entramos em contato com cada uma via mensagem no Instagram perguntando a disponibilidade, algumas aceitaram e outras não, chegamos assim no número de seis produtoras de conteúdo e uma outra mulher super especial, que é a minha mãe. Para todas as personagens foi enviado o mesmo formulário de perguntas, algumas delas se sentiram mais confortáveis em responder no próprio WhatsApp com áudio, outras preferiram o contato via e-mail mas enfatizaram a importância de acompanhar cada vez mais as suas rotinas em suas redes sociais. Desta forma conseguimos

extrair muitos detalhes das personagens que não as deixassem constrangidas pois falar sobre as suas histórias e principalmente as dores advindas da doença não seria uma tarefa fácil para elas.

Era de grande importância a participação de profissionais da saúde mas existiu uma grande barreira para que essa parte fosse realizada. Entrevistar profissionais da saúde é de fato uma tarefa de muito desafio devido à natureza sensível do sigilo médico. Esses profissionais são legalmente obrigados a preservar a confidencialidade das informações dos pacientes. Esse compromisso ético pode limitar a divulgação de detalhes específicos de casos ou situações clínicas durante entrevistas. Dessa forma, para que não faltasse informações, preferimos nos manter com os estudos já realizados e disponíveis para pesquisa, mesmo assim insistimos em pelo menos conversar mesmo que não em formato de entrevista para também entender como funciona o tratamento a partir de um diagnóstico da doença, isso permitiu que os profissionais compartilhassem experiências e informações relevantes de uma perspectiva mais abrangente, sem violar a privacidade dos pacientes.

Por fim, explicamos que o sigilo médico é de fato um princípio fundamental de proteger as informações dos pacientes, permaneceu essencial na ética médica e foi codificado em várias leis e códigos profissionais ao redor do mundo. Essas regulamentações solidificaram ainda mais o sigilo médico como um pilar fundamental da prática médica moderna

3.2 – Produção

A produção consistiu em pesquisas bibliográficas mais aprofundadas, elaboração das entrevistas já feitas e organização dos relatos para exposição no trabalho, organização escrita do livro-reportagem, visando uma boa elaboração e categorizado os assuntos por partes. Foi dado o início da produção escrita do trabalho e da seleção das fontes de pesquisa, bem como das ilustrações a serem expostas. Também inclui-se a orientação acadêmica para que o trabalho tomasse forma, bem como a análise de tudo que permeia o assunto exposto no livro.

Um dos passos mais importantes da produção e do processo criativo foi como dividiríamos o nosso sumário e também como os conteúdos dentro do livro-reportagem se ligariam entre si, desta forma, quando definimos e passamos para a diagramação tivemos a separação da forma que era mais interessante e que cativaria a leitura a partir de uma linha de explicação e história.



10	Sinopse
12	Introdução
18	1. Câncer e Tratamento
24	2. Campanhas midiáticas
32	3. Historiografia da mama e o corpo feminino
38	4. Autoestima
44	5. Histórias reais de mulheres reais
45	Shirlinha (Shirlei de Almeida Campos Faria)
51	Paulinha (Paula Dultra dos Santos)
57	Thata (Thais Brasileiro)
59	Anninha (Anna Carolina Fernandes)
63	Nena (Marilena Rodrigues Ramos)
67	Ni (Nicole Sberse Morás)
71	Marge (Marjorie Vannucci)
76	Conclusão

Figura 2 - Sumário do livro mostrando a divisão dos capítulos

Essa divisão dos capítulos contribui para a organização do conteúdo de acordo com uma temática central. Além disso, ajuda a dar uma visibilidade e um enfoque central para a temática retratada de forma mais limpa apenas com detalhe em rosa para fazer alusão a cor do mês de Outubro. Nessa separação pensamos em como colocaríamos os relatos das mulheres, então dedicamos um capítulo apenas para essas histórias pessoais, criamos o perfil das personagens a partir de seus apelidos que ajudam a humanizar a história, aproximando nosso leitor da nossa obra.

3.3 – Pós-produção

Após a escrita do livro, passei o material para a minha orientadora, professora Mariana Lopes Bretas, para que pudéssemos lapidar o texto e fazer as modificações necessárias. Nossas orientações foram muito importantes para que pudéssemos desenvolver um trabalho minucioso e com muito cuidado devido ao delicado assunto. Após esse momento pensamos em um projeto gráfico do livro, junto com o nosso diagramador, Diogo. Este projeto foi pensado e desenhado de forma ficasse esteticamente bonito e sensível, para que o texto e os elementos gráficos se combinarem de alguma maneira. Em muitos momentos com o diagramador, Diogo, foi conversado sobre o uso da cor rosa como um destaque para

algumas páginas.

O livro foi elaborado em formato A5, nas dimensões de 21 cm x 14,8 cm. Como não imprimimos no papel, pensamos que a forma virtual de disponibilização seria mais interessante pois visamos não virar um livro comercial mas sim um livro com potencial de atingir vários públicos sem distinções muito menos limitações de fronteiras.

Nosso produto tem 80 páginas, divididas em 5 capítulos, sendo que nos capítulos de número 1, 2, 3 e 4 é feita uma contextualização sobre câncer de mama, campanhas midiáticas, historiografia da mama, corpo feminino e autoestima tratando o assunto de forma sensível e com delicadeza. No último capítulo há a presença de sete perfis de um personagem, então o capítulo 5 é dividido em sete partes individualizando mas também trazendo elementos que se relacionam com a temática.

A capa do livro apresenta uma silhueta feminina enfatizando a questão da importância do toque aos seios e conscientização para prevenção e diagnóstico do câncer de mama. Mesclando o desenho gráfico há um destaque para o título e o subtítulo do livro, “Florescer Além do Rosa: Vivências de Mulheres com Câncer de Mama”. Na parte superior há o nome da autora do livro.

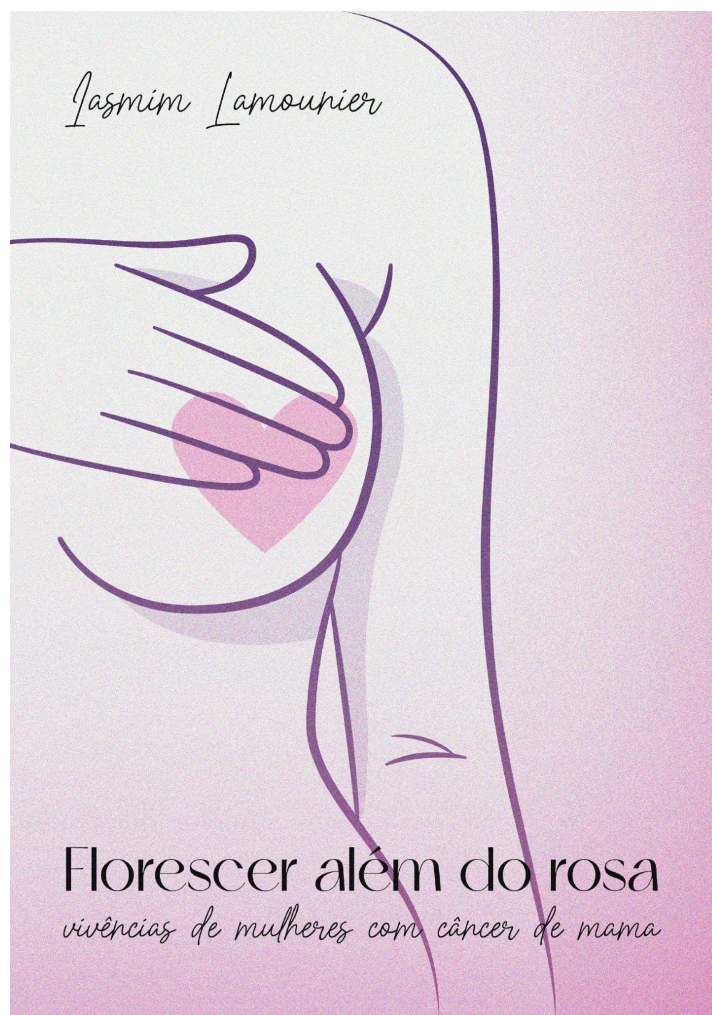


Figura 3 - Capa do livro

Os capítulos seguem um padrão de textura e títulos da mesma fonte. Porém o livro-reportagem se caracteriza por ter capas duplas para a diferenciação dos capítulos com ilustrações pensadas entre a autora e o diagramador responsável. Isso foi pensado para criar uma identidade única para cada um dos capítulos e para guiar o leitor durante a leitura.



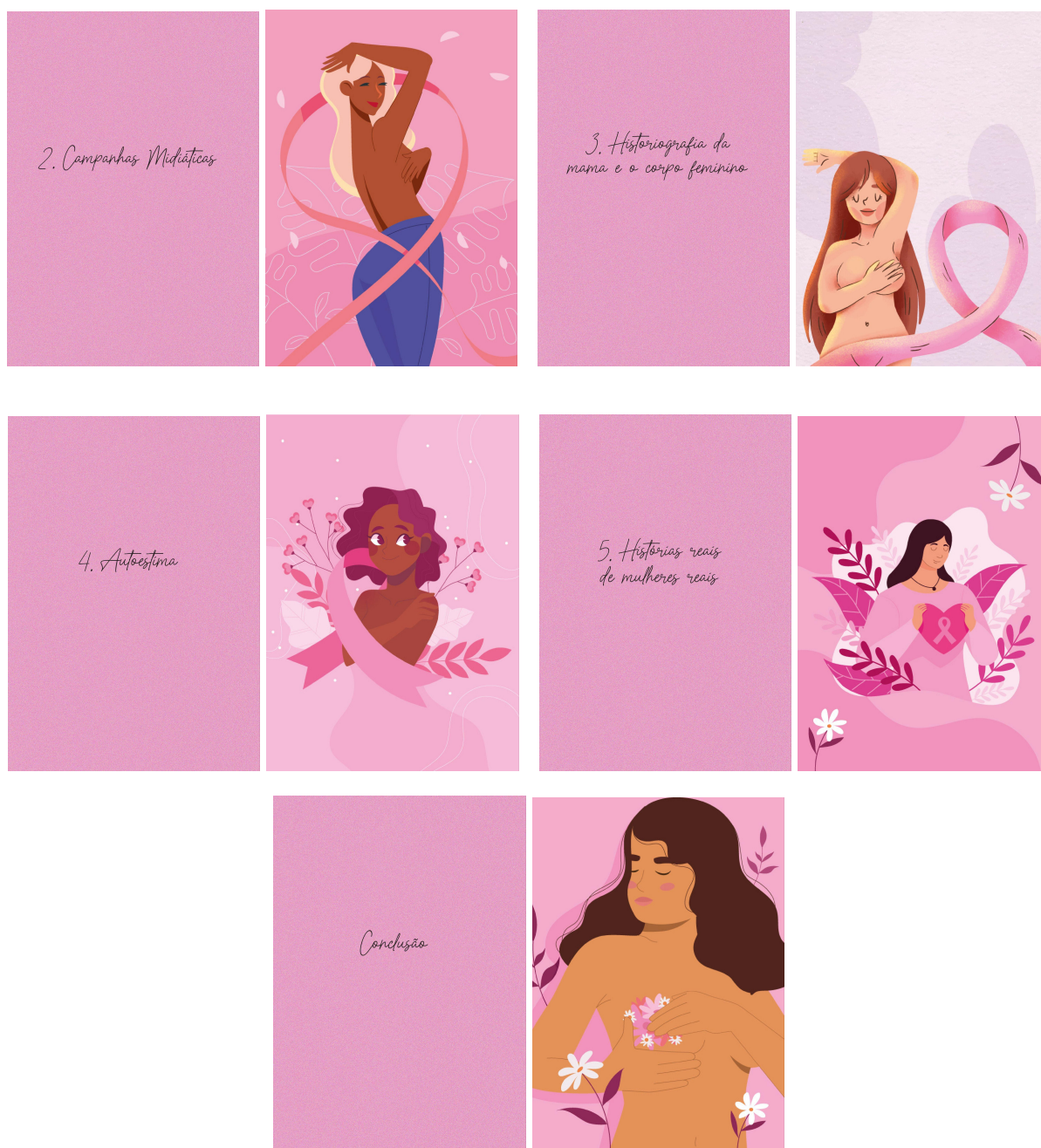


Figura 3 - Página inicial da introdução, dos cinco capítulos e da conclusão

Nas páginas poupamos alguns elementos gráficos para que não tivesse a possibilidade de poluição visual, enquanto nas seções de perfis, optamos por dar destaque nos nomes das mulheres e continuamos utilizando a cor rosa, elemento esse sutil mas que fez toda a diferença gráfica do livro-reportagem em questão.

Esse período também foi encarregado por concluirmos e revisamos o presente memorial, que estava em andamento desde o início do processo de planejamento do projeto

mas, que tomou forma agora no final com todos os passos alinhados e as ideias executadas. Com isso, pudemos unir as questões teóricas e práticas que foram desenvolvidas ao longo desse intenso Trabalho de Conclusão de Curso, que envolveu mulheres de várias regiões do Brasil.

3.4 – Cronograma e Orçamento

	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Reuniões com o orientador							
Leitura de referencial teórico							
Pré-entrevistas e seleção de fontes							
Definição das temáticas dos capítulos							
Entrevistas							
Transcrição das entrevistas							
Escrita do memorial							
Escrita do livro							
Elaboração do projeto gráfico							
Revisão Diagramação							
Defesa do TCC							

DESCRIÇÃO	VALOR
Diagramação	R\$360,00
Revisão	R\$280,00
Impressão dos memoriais	R\$30,00
TOTAL	R\$670,00

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é resultado de uma experiência desafiadora, de interesse e relevância para formações futuras. Uma atividade enriquecedora que se propôs abrir um leque de oportunidades de desenvolvimento e construção pessoal, pois entrei de corpo e alma em uma temática que vivenciei de perto sendo filha de uma mulher com câncer de mama, a Shirlinha, do primeiro relato. Minha mãe e outras mulheres sempre foram inspirações para mim e comprar essa causa foi o que me motivou a também buscar auxiliar e entender outras mulheres na mesma situação.

Desta forma, existe um encantamento pelo assunto e as possibilidades de discussões acerca dele são inúmeras. Por se tratar de um tema tão sensível e grandemente abordado, tornou-se necessária uma análise aprofundada e bem consistida a respeito do tema para que pessoas fossem tocadas e mentes abertas, para um olhar arguto e atento, capaz de observar o outro sob uma ótica mais precisa, empática e respeitosa.

Todo o processo de produção deste material foi muito enriquecedor, cada conversa, cada entrevista, as pesquisas, leituras, reuniões de orientação e também conversas com outros professores que auxiliaram esse processo. Além disso, o livro-reportagem despertou curiosidade, gerando o compartilhamento de informações com outras pessoas, incluindo meus amigos e colegas de curso. Esses processos se tornaram uma experiência valiosa por poder testar caminhos diferentes, criar algo a partir das minhas próprias ideias e com muita liberdade criativa.

A questão da estética corporal, da singularidade dos corpos, de sua ressignificação enquanto lugar pertencente de si mesmo e toda questão identitária, social e cultural, faz com que o pensamento voltado para o mesmo seja atribuído com mais atenção e cuidado, uma vez que pessoas que passaram por grandes transformações sofrem um impacto gigantesco a partir da experiência de seus corpos.

Este trabalho conclui uma jornada em busca de um melhor entendimento sobre a visão, a dor e a perspectiva da pessoa acometida pelo câncer, mas além disso, buscou-se abordar as questões para além do estético e social, para além daquilo que a sociedade impõe como regra ou verdade absoluta, para além do que se rotula como belo e feio, para além do que possamos enxergar.

Por fim, buscou-se abordar várias questões em sua análise, como a excessiva preocupação da mulher com a aparência e sua qualidade de vida lidando com todos os

problemas que envolvem um tratamento dessa doença. Sendo assim, este livro-reportagem buscou compreender as alterações na imagem corporal que afetam seu círculo social e também ao que a mulher acha de si mesma, influenciando sua autoestima e seu sentimento de feminilidade e, tudo que envolve esse assunto pode levar a sintomas de ansiedade e depressão. Embora avanços tenham sido verificados no estudo da relação entre imagem corporal e câncer, esta pesquisa se propôs a aportar algo que acreditamos que seja pouco explorado em um livro-reportagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrieu, B. *Le dictionnaire du corps em sciences humaines e sociales*. Paris: CNRS Editions, 2006.
- BARROS, A. C. S. D. **Câncer de mama**. In: Temas em psico-oncologia. São Paulo: Summus, 2008.
- BASTOS, L. A. M. **Eu-corpando**: o ego e o id em Freud. São Paulo: Escuta, 1988.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2012.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. CHAUI, Marilena. **Repressão Sexual essa nossa (des)conhecida**. Coleção Leituras afins; 1ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed., 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- CARVALHO, Maria Margarida. **A mama**: tratamento compreensivo das doenças benignas e malignas. São Paulo: Manole, 1994.
- CARVALHO, Maria Margarida. **Psico-oncologia: história, características e desafios**. *Psicologia Usp*, v. 13, p. 151-166, 2002.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor**. In: *Entrepalavras*. Fortaleza, v. 7, p. 578, 2017.
- COSTA, Cristina. **A imagem da mulher: um estudo de arte brasileira**. Rio de Janeiro: Ed.

Senac, 2002. 199 p.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: Corpo e consumismo na moral do espetáculo.** Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004.

CURY, Augusto. **A ditadura da beleza e a revolução das mulheres.** Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

Davison, T. E. & McCabe, M. P. *Adolescent body image and psychosocial functioning. The Journal of Social Psychology, 146, 15-30.* 2006.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil.** . São Paulo: Ed. Senac. . Acesso em: 07 nov. 2023. , 2000.

FREUD, Sigmund. **Sobre o narcisismo: uma introdução (1914).** 1996.

GOMES, Natália Silva. **Avaliação da autoestima de mulheres submetidas à cirurgia oncológica mamária: 2º Edição.** Minas Gerais, 2013.

LACERDA, Vanessa Alves Furlan. **Qualidade de vida e autoestima de pacientes mastectomizadas submetidas o não a reconstrução: 2º Edição.** São Paulo, 2013.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo.** Papirus Editora, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Editora da Unicamp, 1993.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: tradição e inovação.** Florianópolis: Insular, 2016.

MEDINA, C. **Entrevista: o diálogo possível.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria Nacional de Assistência à Saúde. Instituto Nacional do Câncer. **Falando sobre o câncer de mama.** Rio de Janeiro, 2002.

MORENO, Rachel. **A BELEZA IMPOSSÍVEL: Mulheres, mídias e consumo.** São Paulo: Ágora, 2008.

MOSCOVICI, Serge. **Social representations: Essays in social psychology.** Nyu Press, 2001

MUKHERJEE, S. **O imperador de todos os males: uma biografia do câncer**. são paulo: companhia das letras, 2012. 634 p.978-85-359-2006-2

SASAKI, Silvia. **Corpos Monumentos: Fetichismos Visuais em Moda nas Metrôpoles** ModaPalavra e-periódico, núm. 5, enero-junio, 2010, p. 17-28.

SOUZA, D. de S. **Body Positive - Estudo de caso nas mídias digitais**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019, p. 28.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. **Um corpo que dói: considerações sobre a clínica psicanalítica dos fenômenos psicossomáticos**. Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on line, v. 6, n. 1, 2006.

VENÂNCIO, Juliana Lima; LEAL, Vera Maria Stiebler. **Importância da atuação do psicólogo no tratamento de mulheres com câncer de mama**. Revista brasileira de cancerologia, v. 50, n. 1, p. 55-63, 2004.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são utilizadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.